



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

SERVIÇO SOCIAL E RACISMO: DESAFIOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS.

Dayana Christina e Vanessa (a) - a
a

SERVIÇO SOCIAL E RACISMO: desafios na prática profissional de Assistentes sociais.

Palavras- chave: Serviço Social, Prática profissional, Racismo.

Keywords: Social work, Professional practice, Racism.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência, onde sistematizamos qualitativamente uma atividade realizada no segundo semestre do ano de 2018 em um fórum destinado a supervisores de estágio em Serviço social, em uma universidade particular na cidade do Rio de Janeiro. A abordagem sugerida pela organização do evento almejava tratar as pluralidades e as desigualdades sociais, as quais atravessam a formação profissional, a prática profissional cotidiana e os instrumentos técnico operativos do assistente social. Contudo, é impensável tomar essas dimensões da categoria de assistentes sociais desconsiderando a formação sócio-histórica do país e os desdobramentos desse processo: racismo estrutural e institucional. Diante disso, adotamos como metodologia uma dinâmica de problematização dialógica de casos onde apresentamos quatro instrumentos técnico-operativos (Parecer Social; Estudo Social; Projeto de Intervenção e Relato de atendimento social) oriundos de espaços sociocupacionais distintos, e convidamos os participantes a apontar e refletir sobre como o racismo estrutural e institucional pode refletir e ser reproduzido na prática profissional. Durante a atividade e a reflexão teórica sobre os documentos ponderamos ser o Serviço Social possuidor de importante papel no sentido de viabilizar, ou não, o acesso aos serviços sociais a um público-alvo majoritariamente negro. Nesse sentido, é tarefa prioritária pensar nossa formação e prática profissional propositivamente antirracista e comprometida com o projeto ético político do assistente social.

DESENVOLVIMENTO.

De acordo com o IBGE (2014) a população negra representa 54% da população brasileira, contudo, é segmento mais vitimado por diferentes formas de genocídio (NASCIMENTO, 1978). Este fenômeno fica evidenciado nas altas taxas de mortalidade letal direcionado a juventude negra (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2016, JULIANO, 2018), nos os índices de morte materno-infantil e violência obstétrica (ASSIS, 2018), no grande número (64%) de crianças destituídas do direito à convivência familiar e comunitária (SARAIVA, 2018), cujo processo de reintegração familiar ou adoção encontram-se paralisados, nos números altos de evasão escolar, de desemprego, de pessoas vitimadas por violências diversas, e, encarcerados em número maior do que os brancos (MAPA DO ENCARCERAMENTO, 2015).

Nesse sentido, nos colocamos a problematizar essas vivências, tendo em vista que esse segmento é público-alvo dos assistentes sociais nos diferentes espaços sócioocupacionais: hospitais, abrigos, unidades prisionais, previdência social, CRAS, CREAS, escolas, etc.

Contudo, verifica-se que esta é uma problemática nova, pouco abordada, invisibilizada nas unidades de graduação em Serviço Social, segundo Rocha (2014). Sendo então, importante retomar as questões das relações étnico raciais, haja vista o compromisso com o projeto ético político /profissional da categoria.

Dentre os objetivos almejados no decorrer da oficina salientamos a importância da sensibilização de profissionais em processo de formação (estagiários) para o fomento da ação profissional crítica e antirracista, partindo da análise das diferentes expressões do racismo institucional no cotidiano de atuação profissional. A metodologia adotada foi a realização de oficina que de forma dialógica com exposição de situações de racismo institucional no cotidiano de atuação de assistentes sociais, explícitas em seus instrumentos técnico operacionais, as quais deveriam ser analisadas pelos participantes do Fórum de estágio em Serviço Social, com mediação das Assistentes Sociais que conduziam a oficina, tendo no horizonte dessa proposta a postura profissional crítica, antirracista e a educação permanente como alternativa importante de sanar lacunas, desconstruir preconceitos e posturas.

Os resultados dessa proposta foram positivos, pois na avaliação da oficina foi positivamente analisado tanto pela coordenação do Fórum de Estágio, quanto pelos alunos envolvidos na oficina. Ambos ressaltaram que essa relação formação e as relações étnico raciais é fator primordial e urgente para o processo de formação /trabalho dos profissionais, precisando ser amplamente debatido no âmbito da categoria.

CONCLUSÃO- Considerações.

Para Jurema Werneck (2013), o Racismo Institucional "é a falha coletiva em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica" e se manifesta em um sistema onde a violência racial está presente no cotidiano.

A compreensão do racismo estrutural aponta este como elemento causador de desigualdades e injustiças sociais, cunhado no processo de formação histórico, cultural, político e econômico, que atravessa todas as esferas da vida em sociedade. Para Silvio de Almeida (2018), a noção trazida pelos conceitos de Raça e de Racismo, existe permeando a relação de produção da Economia, do Estado, do Direito e até mesmo das subjetividades.

A noção de necropolítica possibilita uma análise crítica da violência racial que se dá de forma sistemática no âmbito das ações do Estado e de acordo com a égide do capitalismo e da doutrina neoliberal, onde o seu desmonte no que diz respeito ao esvaziamento no campo das políticas e direitos sociais. Somos direcionados a compreensão de que a regra na periferia brasileira do capitalismo é a barbárie e o autoritarismo, em aliança com a mais explícita violência racial.

Entendemos, então, que as desigualdades étnico raciais, as quais se apresentam nas relações sociais no Brasil não devem ser apreendidas e interpretadas de forma isolada e desconectada de elementos estruturais como a classe e o patriarcado. Tais fatos representam formas diversas de preconceito e de discriminação, causando escalas de desigualdades indelévels direcionada à população negra e resultando em uma violência histórica motivada pelo racismo (um elemento da colonização), caracterizado em uma das expressões da “questão social” no Brasil. Foi Nesse sentido que utilizamos os instrumentos técnico operativos do serviço social pontuando sistemática e quantitativamente os fenômenos sociais oriundos do racismo estrutural e institucional nas teias da realidade social brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Editora Letramento, Belo Horizonte, 2018.

ASSIS, Jussara Francisca de. **Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n133/0101-6628-sssoc-133-0547.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

BEHRING Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história.** São Paulo. Editora Cortez, 2007.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de, e NETTO José Paulo. **Cotidiano: Conhecimento e crítica.** São Paulo. Editora Cortez, 2007.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

IANNI, Octávio. A dialética das relações raciais. *Comunidade Virtual de Antropologia*, v. 18, n. 50, p. 21-30, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a16oianni.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo: Cortez, 1999.

IAMAMOTO, Marilda V. **Serviço social em tempo de capital fetiche.** Capital financeiro, trabalho e questão social. Cortez Editora. São Paulo. 2007.

IPEA. **Atlas da Violência 2017.** Brasil, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolitics.** *PublicCulture*, 15, 2003, p. 11-40.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, unarevisión crítica.** In: GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). *Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas.* México: UNAMMUAC, 2012, p. 130-139.

JULIANO, Dayana Christina Ramos de Souza. **Insurgências negras e a negação do direito a vida: trajetórias políticas de mulheres frente ao genocídio da juventude negra – do luto a luta!**. In: Gênero, feminismos e sistemas de Justiça: discussões interseccionais de gênero, raça e classe / Luciana Boiteux, Patricia Carlos Magno, Laize Benevides (Orgs.). – Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 2018.

JUVENTUDE VIVA. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil**. [http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa do Encarceramento - Os jovens do brasil.pdf](http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf). Acesso em: 05 out. 2019.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2016. **Homicídios por arma de fogo no Brasil**. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016 armas_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf) Acesso em: 05 out. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PINTO, Elisabete. **O Serviço Social e a questão étnico-raciais no Serviço Social**. São Paulo: Ed. Terceira Margem, 2003.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **Assistente Social no combate ao preconceito: Racismo**. CFESS, Brasília (DF), 2016.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **A Incorporação da Temática Étnico-Racial no Processo de Formação em Serviço Social: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SARAIVA, Vanessa Cristina dos Santos. **O Acolhimento Institucional é a Solução? políticas públicas direcionadas às crianças e aos adolescentes em Duque De Caxias**. In: Gênero, feminismos e sistemas de Justiça: discussões interseccionais de gênero, raça e classe / Luciana Boiteux, Patricia Carlos Magno, Laize Benevides (Orgs.). – Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016 – Homicídios por arma de fogo no Brasil**. FLACSO Brasil, 2016.

WERNEC, Jurema. **Racismo Institucional: uma abordagem conceitual**. Geledés, 2013.

